O Massacre de Encélado

Uma guerra interplanetária leva um grupo de soldados a Encélado, uma pequena lua do planeta Saturno. Encélado é um lugar diferente, um mundo com o qual o ser humano não está acostumado. Em sua luta pela sobrevivência, os soldados encontrarão uma natureza bela e deslumbrante. Mas lá também há medo e destruição. Numa emocionante batalha, eles viverão as piores experiências de suas vidas, em busca da última chance para salvar a humanidade de um fim trágico.

Daniel Borba

O Massacre de Encélado

Daniel Borba

O e-book que você está lendo é usado num projeto de inclusão digital e social sob autorização do autor e é livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:
Nome do autor: Daniel Borba
e-mail: dfborba@hotmail.com

O MASSACRE DE ENCÉLADO

Daniel Borba

1.

Apesar de toda a tensão, conseguira manter meus olhos fechados por quase todo o trajeto. Como que acordando de um sono profundo, abri os olhos e olhei através da escotilha mais próxima. A escuridão do espaço revelava-se em todo seu esplendor. O frio e o silêncio que cercavam nosso pequeno transporte contrastavam com o ambiente pesado e barulhento do seu interior. O ruído distante dos motores de desaceleração mesclava-se a risos nervosos, murmúrios de orações e batidas de botas no piso frio.

Conforme nos aproximávamos da pequenina lua Encélado, o medo que nos dominava passava a ficar evidente. Eu não estava imune a esse sentimento. Minha calma não era mais do que aparente. Por dentro do pesado traje, sentia meu coração pulsando num ritmo forte. A desaceleração que se iniciara alguns minutos antes fazia meu estômago revirar. E o medo acentuava a sensação desagradável. Eu não era o único a me sentir assim: o medo passava a dominar todos os que participavam da missão comigo.

Olhei à minha volta. Vi alguns homens tremendo, outros com os olhos cheios de lágrimas, a maioria em silêncio. Todos sentados, firmemente presos a seus assentos pelos cordões de segurança que saíam de seus trajes de combate. Uma pequena parte da elite militar da humanidade estava naquele transporte. Oficiais graduados de diferentes naturalidades, todos empenhados numa campanha sem precedentes. O futuro da raça humana estava em jogo.

Um apito agudo chamou nossa atenção. O sistema de som da nave começava a recapitular os passos da nossa missão. O transporte pousaria no lado oposto da lua, longe do fogo inimigo. Usando os jatos portáteis de nossos trajes, nosso grupo de trinta e dois homens seria disperso, dividido em equipes de quatro. Uma vez espalhados, deveríamos localizar e tentar destruir os postos avançados instalados pelo inimigo. Sim: tentar destruir. A parte mais vital da

missão era trazer de volta algum equipamento inimigo para a estação espacial. Engenheiros do mundo inteiro estavam esperando alguma amostra da tecnologia que ameaçava varrer a humanidade do Sistema Solar. Era para isso que estávamos arriscando nossas vidas.

Vídeos e esquemas mostravam repetidas vezes imagens das estruturas a serem destruídas. Mostravam também imagens do inimigo e possíveis artefatos de interesse. Pela primeira vez em dez mil anos de existência, a humanidade tinha certeza de que não estava sozinha no universo. Astrônomos, biólogos, ufólogos, religiosos e ateus. Todos agora sabiam que um universo tão grande não comportaria somente *uma* espécie inteligente. Divergências filosóficas a parte, finalmente tínhamos encontrado o que tanto procurávamos. ET's, aliens, marcianos, homenzinhos verdes, chame como quiser. Eles existem e mostraram-se mortais.

O transporte fez um pequeno ajuste de direção e por alguns instantes nosso destino se fez visível, desviando nossa atenção. Encélado é uma pequenina lua que gira em torno do planeta Saturno, distante pouco mais de duzentos mil quilômetros. Seu raio é de aproximadamente duzentos e cinquenta quilômetros. Como a maioria das pequenas luas que são conhecidas no Sistema Solar, Encélado apresenta inúmeras crateras e irregularidades, vestígios de uma era de formação turbulenta e cheia de impactos com corpos ainda menores. Vestígios também daquilo que fez com que muitos astrônomos voltassem seus olhos para ela. No começo do século XXI, uma sonda obteve imagens de erupções gasosas a partir da superfície da pequena lua. Sendo um dos poucos corpos geologicamente ativos no Sistema Solar, Encélado tornou-se então a menina dos olhos de cientistas planetários do mundo todo. Décadas depois, quando os voos interplanetários tornaram-se frequentes, e as estações espaciais na Lua e em Marte estavam bem estabelecidas, uma missão permanente foi lançada em direção a Saturno. Seu principal objetivo era estudar Encélado e os anéis de Saturno. Acreditava-se que muitos mistérios a respeito da origem do Sistema Solar poderiam ser desvendados através desses estudos. É estranho pensar que justamente onde procurávamos conhecer nossas origens, encontramos o maior desafio à nossa existência que já enfrentáramos.

Um choque forte fez com que voltássemos à realidade. Do lado de fora do transporte, a paz que reinava antes começava a ser perturbada devido à enorme quantidade de partículas que flutuavam próximas ao satélite. Os vídeos continuavam repetindo sua ladainha técnica sobre o inimigo. Pontos vulneráveis, anatomia, força física. Sabíamos todas essas informações. Fechei os olhos novamente. Já não adiantava olhar. Ninguém absorveria mais informação alguma.

– Estamos quase lá. – pude ouvir a voz de Rossi à minha esquerda. Encarei-o e vi que ele mastigava um palito de fósforo. Durante meses, eu tentara descobrir como ele conseguia esses palitos. Era sua marca registrada. Mesmo aqui, num transporte com espaço restrito, com um traje de combate extremamente pesado, sem poder se mexer direito, ele tinha conseguido colocar um palito de fósforo na boca! Esbocei um sorriso por conseguir desviar tanto assim minha mente.

– Acho que agora não tem mais volta. – foi a minha resposta débil.

– Quando deixamos a Terra, já era para não voltarmos.

Sorri um sorriso amarelo, consciente de que era verdade. Tínhamos sido escolhidos para morrer. Era para isso que estávamos aqui. Inclinei levemente a cabeça, tentando demonstrar toda a minha firmeza. Ele cuspiu o palito, encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Mais um tranco forte. A voz do piloto nos avisou que estávamos iniciando a aproximação.

O inimigo, até então, não se manifestava. Mas isso era normal. Em meses de ataques, instalações destruídas, vidas perdidas, o inimigo sempre aparecia de surpresa. Ao término do ataque, o inimigo desaparecia e voltava para suas bases. Bases? Nem sabíamos exatamente o que eram. Sabíamos que eram estruturas artificiais, não construídas pelo Homem, e sabíamos que havia muitas delas em Encélado. Se havia mais delas em algum outro ponto do Sistema Solar, não eram conhecidas. Como o inimigo havia chegado a Encélado ninguém sabia também. Eles simplesmente apareceram lá, suas estruturas e suas armas mortais. Os cinco postos de pesquisa

e observação que eram mantidos no pequeno corpo celeste não tiveram chance. Um a um, metódica e cruelmente, foram eliminados. Nossa tentativa de destruir as instalações inimigas e trazer de volta qualquer amostra que fosse de seu equipamento era puro desespero.

Os sistemas internos do transporte começaram a entrar em ação, comunicando-se com as nanoestruturas que controlavam nossos trajes, acionando-os. Senti que meu corpo era envolvido pela estrutura interna do traje. Olhei para o alto e vi meu capacete, guiado por um braço robótico, descendo em minha direção. O sistema travou o capacete, senti o cabo óptico penetrar pelo meu canal auditivo. Em segundos, meu corpo estava conectado ao traje de combate. Dados sobre minhas funções vitais apareceram no visor do capacete. Com um comando mental, apaguei os dados do visor e fiz um cheque no meu sistema de armas. Tudo estava funcionando bem.

Externamente, eu sei que parecia desajeitado, mas esses trajes de combate, além de nos proporcionarem condições de vida, aumentavam a agilidade e a força, além de servirem de abrigo e manterem nossos corpos alimentados e hidratados. Equipado com um destes, um homem poderia sobreviver por pelo menos dez dias em qualquer ambiente.

Toda a movimentação com os trajes fez com que eu me distraísse e, quando dei por mim, o transporte já pairava sobre a superfície de Encélado.

– Boa sorte. A gente se vê logo. – foi assim que o piloto se despediu de nós ao abrir a parte traseira do transporte. Se tudo corresse bem, a primeira equipe a conseguir alguma peça de equipamento inimigo chamaria o transporte. Este se dirigiria diretamente para onde aquela equipe estivesse. As outras equipes, ou o que sobrasse delas, teriam poucos minutos para chegar ao transporte e voltar para a estação espacial. Enfrentaríamos um inimigo quase totalmente desconhecido, com armas melhores. Já sabíamos, todos, que quase ninguém retornaria.

Enquanto a porta do transporte se abria, nossos trajes de combate foram liberados dos assentos. Eu me levantei e corri para a su-

perfície gelada de Encélado.

2.

Logo que tocamos o solo, cada equipe dirigiu-se em uma direção já pré-determinada. Ao mesmo tempo em que precisávamos ficar reunidos em equipe, também precisávamos nos afastar das outras equipes e do transporte. Além disso, o acionamento dos jatos de propulsão em tantos trajes simultaneamente poderia causar um grave acidente, colocando em risco toda a missão.

Nossa equipe foi rapidamente reunida, com o auxílio do sistema de rastreamento dos trajes, que se encarregou de me aproximar de Rossi, Barnard e Taylor. Levantamos voo, dois brasileiros e dois britânicos, usando os pequenos propulsores acoplados aos trajes e seguimos direto para nossa área designada.

Voávamos formando uma cruz. Barnard, nosso líder, ia à frente. Rossi voava atrás dele a cerca de 10 metros de distância, enquanto eu e Taylor guardávamos os flancos. O tempo de voo estimado era de 12,8 minutos e já estava pré-programado em nossos trajes, de modo que minha atenção se voltou para a incrível paisagem de Encélado. A maravilhosa visão do terreno acidentado e cheio de crateras, iluminado pelo clarão alaranjado que vinha de Saturno, contrastava com a gravidade e o perigo da situação. Como eu adoraria fazer esse voo novamente sem o medo que aumentava a cada minicratera que passava.

Nossos sensores detectaram movimentos à frente. A paisagem de Encélado ficou ainda mais espetacular, com rajadas coloridas e brilhantes cortando nosso caminho. Ficamos surpresos com isso. Essas rajadas vinham de todas as direções e nossos sensores indicavam uma altíssima concentração de energia em cada uma. Tentei, mas não consegui precisar de onde vinham. Era uma visão fantástica. Acredito que os outros membros da equipe ficaram tão atônitos como eu. Aquela visão tão bela provou-se fatal. Por um instante, senti Barnard hesitar. Seu traje fez um movimento brusco para a esquerda e logo depois ele desapareceu. Um ruído seco dentro do meu

capacete foi a última coisa que ouvi do líder de nossa equipe. Ele foi o primeiro a ser atingido pelas rajadas. Simplesmente não teve chance. Pelo comunicador, ouvi que ele já não era a única baixa. Tentei ignorar aquela morte tão próxima, forçando-me a compreender que se não me concentrasse, teria o mesmo fim. Imediatamente, Rossi, sendo o segundo em comando, assumiu a liderança da equipe. Logo recebemos sua ordem, que veio clara em meus ouvidos:

– Pessoal, o alvo tá no alcance. Manda ver!

Formamos um triângulo, Rossi à frente, eu e Taylor na sua cola, ainda mantendo os flancos. Começamos a descarregar nosso armamento, o traje fazendo a maior parte do trabalho, indicando a direção onde devíamos atirar. Nossa grande preocupação era escapar das belas rajadas de cor, que agora sabíamos ser uma artilharia pesada que vinha de todas as direções. Com certa surpresa, notei que nossas armas causavam um estrago considerável nas instalações alienígenas. Por um momento, me perguntei como foi possível nossas cinco bases terem sido tão facilmente dizimadas. Os cientistas designados para elas eram homens preparados militarmente. Tinham certa experiência no uso de armamentos pesados e eram bem preparados fisicamente.

Um clarão vermelho atingiu uma elevação logo abaixo de mim, fazendo-me voltar à realidade e deixar as divagações para um momento mais adequado. Taylor soltou um palavrão em inglês e logo depois falou em português comigo:

– Tá legal?

Um comando mental converteu a imagem do meu visor, mostrando uma checagem geral dos meus sistemas. Estava bem, por enquanto.

– Yep! - respondi.

O resto do ataque foi relativamente simples, sem sustos, e concluído rapidamente. Ainda sobrevoando o terreno acidentado do satélite, passamos a procurar os artefatos que poderiam ser de interesse. Tínhamos ordens expressas de não pousar em hipótese alguma.

Rossi indicou que seguiríamos em frente, mas logo em seguida ouvimos no comunicador que uma equipe distante alguns quilômetros havia conseguido recuperar uma peça de equipamento inimigo deixada numa de nossas bases. O sinalizador dessa equipe foi acionado e nossos trajes atenderam ao chamado. Mantendo nossas armas acionadas, obedecemos à orientação dos trajes e voamos, com uma sensação de alívio e esperança, mantendo a formação triangular. Poucos minutos nos separavam do transporte agora.

3.

Tudo aconteceu muito rapidamente. Logo à frente, talvez a uns 400 metros, eu já conseguia enxergar o transporte. Alguns soldados já estavam embarcando de volta e ouvi quando Rossi soltou um grito, misto de alívio e alegria. Logo em seguida, senti um clarão ao meu lado. Ao virar minha cabeça dei de cara com o traje deformado de Taylor vindo ao meu encontro. Ele fora atingido por trás, teve uma das pernas amputadas por uma rajada de energia e já estava morto. O forte golpe o jogou contra mim. Estávamos voando muito perto para que eu me desviasse e fui atingido em cheio. Senti o mundo à minha volta escurecer. Uma dor forte veio do meu abdômen. Senti o traje tentando compensar a dor com analgésicos injetados pelo cabo de conexão. O visor mostrava um vazamento pequeno, mas eu não conseguia identificar o lugar exato. A dor foi aumentando até se tornar insuportável e senti meus sentidos falharem.

A baixa gravidade de Encélado fez com que a queda não fosse rápida. Ainda bati algumas vezes no chão, meio em câmara lenta, antes de parar. Senti o último baque no chão duro da pequena lua, ao mesmo tempo em que Rossi tentava pousar, contrariando as ordens que tínhamos recebido, para me ajudar. As rajadas coloridas que haviam nos impressionado antes voltaram. Rossi conseguiu se aproximar de mim, andando desajeitado naquela gravidade tão baixa. A expressão de horror quando olhou para meu traje já disse tudo o que eu precisava saber. O pequeno vazamento não era tão pequeno assim.

– Muito ruim? - perguntei de maneira débil.

– Já vi piores. - ele respondeu, tentando me animar um pouco.

¬– Alguém que sobreviveu?

Não houve resposta. Um clarão varreu o ar à minha frente e Rossi foi vaporizado.

Nesse momento senti medo de verdade e me dei conta de que não havia sentido medo de verdade desde que a missão começara. Nunca havia me sentido tão sozinho antes. A pressão do meu traje começava a falhar. Meus pulmões já não achavam mais ar suficiente para me manter acordado. O analgésico que o traje tentava injetar em mim não fazia mais nenhum efeito. Aos poucos, senti o sangue escorrer do meu ferimento.

Ergui a cabeça e consegui ver o transporte decolando sob fogo cerrado, os canhões externos atirando a esmo, tentando adivinhar de onde vinham as rajadas inimigas. Alguns homens ainda conseguiram alcançá-lo no ar, suas portas traseiras ainda abertas esperando os últimos sobreviventes que chegassem. A missão tinha sido um sucesso.

Por um momento, meus olhos se encheram de lágrimas. Fechei-os, tentando relaxar, mas a dor era forte demais. Pouco tempo depois, meu traje parou de funcionar. Um frio cortante tomou conta de mim. Encélado deixara de ser bela e tornara-se assustadora. Tentei fugir de lá.

Em uma fração de segundo, eu estava de volta à minha amada Terra. Era noite de Natal e eu tinha 10 anos de idade. Eu estava feliz. Minha mãe sorria para mim e me entregava um pacote colorido. Eu já sabia o que era, mas ainda assim senti um frio na barriga. O frio aumentou, aumentou, até que o pacote caiu de minhas mãos, fazendo minha mãe desaparecer.

De repente, voltei a Encélado. E tudo ficou escuro.

Compilação do registro cerebral transmitido pelo traje especial de combate do Coronel Renato Dutra (2101-2138), Força Especial de Segurança da Terra, morto em combate.

Sobre o Autor

Daniel Borba é blogueiro e escritor. Já participou, entre outras, das antologias Metamorfose 2: Os Filhos de Licaão (2011, Ed. Literata), e Passado Imperfeito (a ser lançada em 2012 pela Editora Argonautas). Organizou a antologia 2013: Ano Um, com lançamento previsto para 2012 pelas editoras Ornitorrinco e Literata. Escreve sobre FC&F em seu blog: http://www.alemdasestrelas.com.

Outros Títulos

Conheça os outros contos que fazem parte deste projeto de inclusão digital e social.

O Pequeno Caçador

Ademir Pascale

Um jovem é o único sobrevivente de um terrível acidente automobilístico, o qual passa por uma incrível reviravolta em sua vida, numa aventura sobrenatural vivenciada nas ruas de São Paulo e Minas Gerais.

Além da Experiência Filadélfia

Marcelo Bighetti

Em 1943 a marinha Norte Americana realizou experimentos secretos com um de seus navios, pondo à prova as teorias de Einstein através dos inventos de Tesla. Só que algo deu errado. Além de tornar-se invisível, o navio foi transportado para outro lugar, e seus tripulantes passaram por experiências aterradoras, visitando terras fantásticas em tempos incertos.

A Rota das Areias da Morte

Georgette Silen

Uma princesa guerreira. Kira, A Princesa de Hisipan, terra de fabulosas mulheres guerreiras, parte em uma jornada heroica por reinos distantes, uma viagem repleta de de batalhas espetaculares, criaturas fantásticas, monstros saídos das histórias de horror, feiticeiros e muita magia. É leitura obrigatória para os fãs de Conan, o Bárbaro, e Elric, o Guerreiro Albino.

Livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:
Nome do autor: Daniel Borba
e-mail: dfborba@hotmail.com